

Flor de Gume: literatura paraense de autoria feminina

Dayse Rodrigues dos Santos (IFPA)*

<https://orcid.org/0000-0003-0795-0239>

Capa escura e cactos floridos em verde sombrio translúcido tão espinhosos quanto alguns temas deste livro de estreia da escritora paraense Monique Malcher. Não por acaso, a capa é uma metáfora visual das histórias de mulheres da região Norte, em suas feridas, resistências, interrupções, coragens e re-existências. Não apenas espinhosas, as 152 páginas desta obra, vencedora do Prêmio Jabuti 2021, cortam e atravessam os leitores por meio de narrativas consistentes e bem elaboradas.

Flor de Gume é um livro com alma, em que a força poética da escrita extrapola as páginas literárias, despertando múltiplos sentimentos, desde revolta, apreciação e veneração pelo talento da autora de apresentar fatos pesados, como se estivesse em uma conversa íntima com o leitor (ROUSE, 2021, p. 01).

Os contos estão agrupados em três capítulos: parte 1 - Os nomes escritos nas árvores, os umbigos enterrados no chão; parte 2 - Quando os lábios roxos gritam em caixas de leis herméticas; e parte 3 - O reflorestar do corpo, o abandonar das pragas. Essa tríade representa momentos distintos vividos pela personagem principal, ou seja, o que a pesquisadora da UFPA, Cíntia Kütter, chamaria de “*Bildungsroman* feminino amazônico”

(MALCHER, 2020). Entrando em um novo cenário da literatura feminina amazônica, é um livro que te desperta como um soco no crânio (KAFKA, 1997).

É possível identificar o cuidado com que o projeto gráfico foi pensado e aplicado. O verde das ilustrações, que inauguram cada capítulo, representa as matas densas e vastas, mas a translucidez permite ao leitor entrever o seu interior. No primeiro, a folha de tamba-tajá, que tem o formato do órgão sexual feminino, sobre a cabeça da jovem mulher esverdeada é alusiva à lenda homônima. O seguinte é composto por uma mulher idosa em preto e branco e uma estátua logo atrás, passando a impressão de que ambas estão petrificadas há tanto tempo que a flor da vitória régia, outra lenda amazônica, começa a cobri-las. O último capítulo é introduzido por uma imagem em tons de cinza de uma pessoa com rosto coberto por uma espécie de margarida sobre um amplo plano de fundo negro.

As ilustrações¹, estilo colagem, dialogam com seus respectivos capítulos, tanto as cores verde-escuras introduzindo os títulos dos contos e parágrafos iniciais como o preto dos demais parágrafos que representa a maior parte dos textos escrito e visual. É

* Doutoranda em Estudos linguísticos e literários em inglês pela Universidade de São Paulo. Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA/Santarém Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4788546196514727>. E-mail: dayse.rodrigues@ifpa.edu.br.

1 Monique Malcher é também colagista e autora das ilustrações deste livro.

uma alegoria do próprio contexto paraense que, a princípio, é visto e lembrado pelos seus verdes pujantes, ao mesmo tempo que denso e escuro. A ilustração e as palavras são um texto só, indissociáveis, primando pela “subjetividade e ambiguidade” (RAMOS; PANOZZO, 2010, p. 17). Para Roger Chartier (2002), a questão essencial que “deve ser colocada por qualquer história do livro, da edição e da leitura é a do processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e leem” (CHARTIER, 2002, p. 61). E, nesse sentido, as páginas grossas e amareladas asseguram firmeza e palidez expressadas por alguns dos contos, materializando o alinhamento das linguagens.

Inicialmente, os contos não parecem apresentar ligação entre si, mas aos poucos, pode-se notar que a personagem principal circula em todos. “Não se trata de um livro com reunião de contos aleatórios, todos eles estão no mesmo universo olhando de forma mais atenta, porque existem diversas formas de ser e estar nessa Amazônia” (MALCHER, 2020b, p. 07). São diversas perspectivas que demonstram um crescimento da personagem “conforme as situações de violência vão acontecendo isso transforma sua linguagem, sua narração e percepção em relação aos outros personagens” (MALCHER, 2022b, p. 01). Ela vive ou têm alguma relação com a Amazônia paraense, como em “Oyá colocou os ventos a favor da minha mãe, e as águas agitadas batiam no casco do barquinho, e diziam “vai virar” (MALCHER, 2022a, p. 27). Muitos contos têm um certo misticismo, ligado às ancestralidades. São avós, mães e filhas resistentes que vivem situações conflituosas em seus contextos, numa luta bela e dolorosa em sua condição de mulher.

Sempre fui de sentir as dores depois que elas pareciam feridas cicatrizadas. mas será

que as pérolas que surgem das lágrimas, vindas por conta das cebolas, são iguais às que surgem das dores de não estar nem no devido lugar e muito menos em lugar algum? e quantas vezes minha avó cortou cebolas para chorar em paz?

– Tá tudo bem, vó?

– Sim, é só a cebola (MALCHER, 2022a, p. 82).

Não apenas as relações de dor que perpassam entre as gerações, a própria condição física de ser mulher é espinhosa. Em “vi o sangue que brota das pernas, escondi como se fosse crime ser eu. Esconde o sangue e se esconde junto” (MALCHER, 2022a, p. 117), a personagem revela claramente a difícil relação que mantém com o fato de menstruar, por mais que seja este um fator biológico. No trecho, “na pesquisa do Google, tudo acaba em câncer, mas às vezes a gente só nasceu mulher mesmo” (MALCHER, 2022a, p. 124), a visão da personagem é que ser mulher é tão danoso quanto um câncer. São experiências estéticas instigantes representadas pelas falas das personagens, ou seja, “o prazer estético entrega e suspende a distância da contemplação, o intenso envolvimento emocional e a revelação profunda; pode manifestar-se mesmo nos casos em que o conteúdo desta revelação se opõe a todas as nossas concepções” (ROSENFELD, 2011, p. 43).

Segundo Rosenfeld (2011, p. 45), “muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana”, como a relação que a personagem mantinha com seu pai: “eu sempre quis lhe matar, envenenado, pensava. Quando você engasgava, demorava para oferecer água. Quis que não acordasse. E você viveu, mas eu morri, muitas vezes.

Hoje sei morrer pelas coisas certas” (MALCHER, 2022a, p. 89). Em alguns contos, Malcher elabora personagens masculinos, pais, padrastos ou parentes, como agressores, exploradores, ausentes e abusadores. Ela corta e reabre feridas que muitos leitores poderão identificar em si e nos seus arredores. É de uma maestria tão grande que “possibilita viver e contemplar tais possibilidades, graças ao modo de ser irreal de suas camadas profundas, graças aos quase-juízos que fingem referir-se a realidades sem realmente se referirem a seres reais” (ROSENFELD, 2011, p. 46).

O desamparo é outro tema latente nos contos. Destacam-se os trechos “mulher preta é só, minha filha, aprende isso, e a solidão também ensina, profetizava” (MALCHER, 2022a, p. 97) e “eu estava faminta de um cuidado, mas só tinha a violência para roer, e cheguei ao osso sem resposta nem amor” (MALCHER, 2022a, p. 103). Para elas, a condição de mulher é relegada à desassistência, à solidão, ao descaso e à minimização. Para Bauman (2005, p. 78),

É também um terror mais profundo – o do desamparo, diante do qual a incerteza não passa de um fator que contribui para causá-lo. O desamparo se torna evidente quando a vida mortal, risivelmente breve, é medida em relação à eternidade – e ao minúsculo espaço ocupado pela humanidade em relação à infinitude – do universo.

Ser mulher é tão árduo que mesmo as relações romântico-amorosas, heterossexuais ou homossexuais, não representam momentos de alegria, euforia, paixão e afeto. Pelo contrário, são sempre dolorosas e lacerantes, como se vê em:

Tenho pavor de descobrir que o amor é só uma forma de agarrar os momentos bons, uma dessas cadeiras confortáveis que a gente não quer levantar. É mais fácil se fundar

do que nadar em um mar sozinha, porque a braçada fere, pede força, disciplina e uma dedicação de cuidado próprio. Se não nado, me afogo, morro sumo mesmo (MALCHER, 2022a, p. 78) [...] só bebe comigo do meu litrão quem me ama e me faz gozar, e gozar é prioridade. nunca fui frígida, o que faltou foi língua (MALCHER, 2022a, p.118). [...] me pego nervosa ou um pouco perdida quando estou perto de uma mulher que admiro, porque foram muitos anos admirando homens que não tinham lá tanta coisa para se admirar (MALCHER, 2022a, p.121). [...] amar não é uma ilusão, é só um movimento difícil (MALCHER, 2022a, p.148).

A sexualidade conturbada de algumas personagens são, por vezes, reflexos dos momentos difíceis que elas vivem ou viveram no passado. Para Bauman, “buscamos o amor para encontrarmos auxílio, confiança, segurança, mas os labores do amor, infinitamente longos, talvez intermináveis, geram os seus próprios confrontos, as suas próprias incertezas e inseguranças” (BAUMAN, 2005, p. 70). Não são amores romanceados vendidos pelas redes sociais e cinema, mas amores reincidentes que ferem e marcam negativamente a mulher, ou seja, “só as mulheres corcundas de carregarem tanta dor podem voltar” (MALCHER, 2022a, p. 151). É nesse sentido que *Flor de Gume* (2020) tem lugar ontológico privilegiado, no qual

pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação (ROSENFELD, 2011, p. 48-49).

À guisa de conclusão, este livro faz jus ao prêmio recebido, pois atinge seus objetivos

estético-literários e traz à tona temas sensíveis, escuros, pesados e indigestos, mas com requintes da linguagem verbo-visual. Nos seus 37 contos, Malcher desponta na literatura paraense produzida por mulheres com muito louvor, trazendo histórias de mulheres nortistas vítimas de violência nos mais variados graus, porém assertivas à sua maneira diante da sociedade patriarcal e machista. Trata-se de uma obra potencialmente voltada ao público adulto, devido à densidade e à complexidade dos temas mais recônditos da dimensão humana. Por fim, recomenda-se esse livro, por sua capacidade de enriquecimento cultural e libertação que pode proporcionar aos leitores.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução e pós-fácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia

das Letras, 1997.

MALCHER, Monique. *Flor de gume*. São Paulo: Jandaíra, 2022a.

MALCHER, Monique. **Flor de Gume e a densidade da literatura produzida por mulheres**. Entrevista concedida à Cíntia Acosta Kütter. 2020b. Disponível em: <https://medium.com/@moniquemalcher/flor-de-gume-e-a-densidade-da-literatura-produzida-por-mulheres-1d3d04c4cd01>. Acesso 08 out. 2022.

RAMOS, Flávia Brochetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. O papel da ilustração na leitura do livro infantil in WAGNER, Tânia Maria Cemin. *Adolescência: aspectos psicodinâmicos*. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos (orgs.). **Multiplicidade dos signos: diálogos com a literatura infantil e juvenil**. 2ª ed. Caxias do Sul, Rs: Educus, 2010. P. 17 – 34.

ROSENFELD, Anatol. *Literatura e personagem*. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. **A personagem de ficção**. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ROUSE, Elis. **Resenha**. Disponível em <https://www.literalmenteuai.com.br/flor-de-gume-um-livro-com-alma/>. Acesso 20 nov. 2022.

Recebido em: 24/07/2023

Aprovado em: 01/11/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.